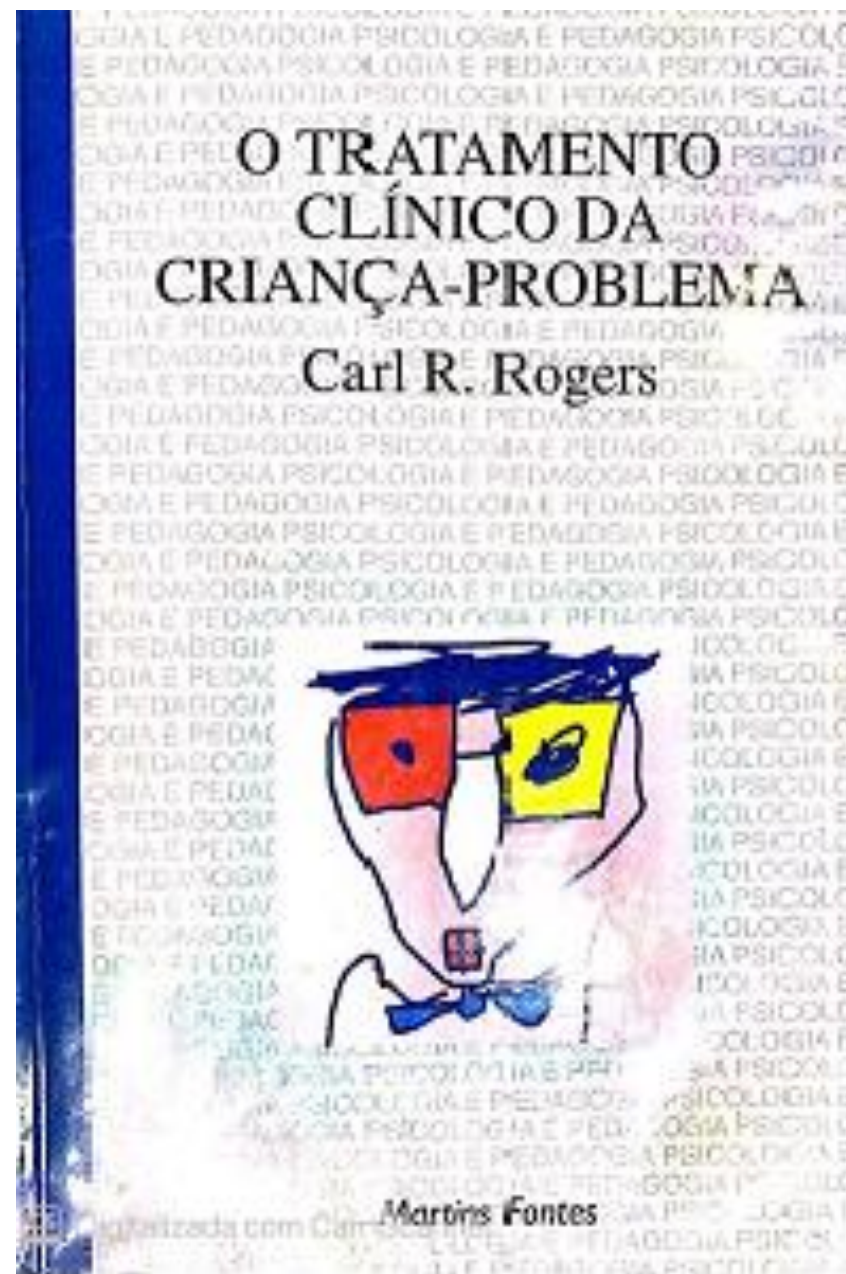


Vera Alves

sim
Espaço John Wood
ESTUDOS E PESQUISAS NA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA



ONDE ESTÁ O PROBLEMA?

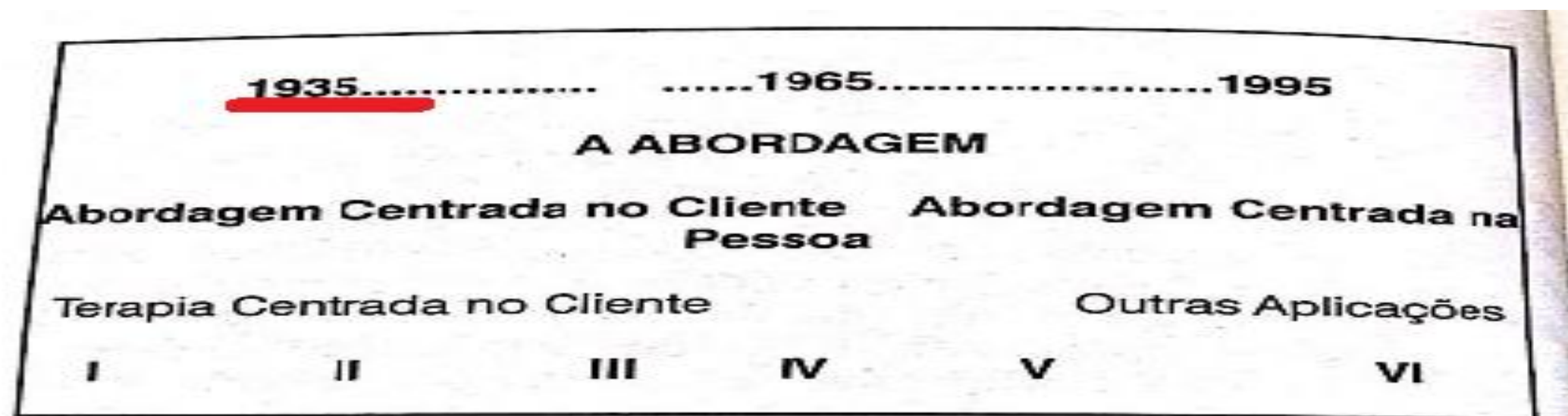
Episódio 1
O Legado de
Carl Rogers

O livro O TRATAMENTO CLÍNICO DA CRIANÇA PROBLEMA foi escrito em Escrito entre 1936 e 1937. Publicado nos EUA em 1939 e a primeira edição Brasileira é de 1979. A minha edição é de 1994.

Meu interesse neste livro: por conta do trabalho com famílias, casais e notadamente com pais.

O LIVRO NÃO ESTÁ ELENCADEO NOS TEXTOS DE FASES DA ACP

No quadro de fases da ACP de Wood, embora ele inicie por 1935, esse livro não consta:



I. Atitudes do terapeuta. Caracterizada pelo livro de Rogers, Aconselhamento e Psicoterapia, publicado em 1942.

II. Métodos de terapia. Identificada pelo livro Terapia Centrada no Cliente, publicado em 1951.

III. Experiência ou processos internos. Corresponde à publicação (1961) do best-seller, Tornar-se Pessoa.

IV. Facilitação do aprendizado. Liberdade para Aprender (1969).

V. Relacionamentos inter-pessoais. Grupos de Encontro (1970).

VI. Processos sociais, formação e transformação da cultura. Sobre o Poder Pessoal (1977) e Um Jeito de Ser (1980).

A mais conhecida classificação das fases de pensamento do Rogers, produzida por Hart & Tomlinson (1970) também não menciona este livro.

A classificação inicia pelo período de 1940-1950 nomeando-o como fase não diretiva e indica como livro principal do período: *Psicoterapia e Consulta Psicológica* de 1942.

- Paulo Castelo Branco aponta em seu livro, como aconselhamento não-diretivo, o período entre 1928-1945. Período esse no qual Rogers "restringia sua atuação e investigação ao campo metodológico e técnico de intervenção clínica em tratamento de crianças desajustadas ou desadaptadas" (2019, pg.33)

A minha leitura mais atenta em 2017, 2018 capturando o que Rogers mencionava sobre psicoterapia familiar.

Surpresas. Encontrei semelhanças com o que havia publicado em 2009 (ideias gestadas desde 2000):

ALVES, V.L.P. Psicoterapia familiar e conjugal na ACP: A abordagem do grupo familiar nas suas diferentes apresentações. In BACELLAR, A. (org.) A Psicologia Humanista na Prática: Reflexões sobre a prática da abordagem centrada na pessoa no contexto brasileiro. Volume 01 (Págs. 218-233) Florianópolis, UNISUL, 2009.

Rogers referindo-se a importância do atendimento de pais e tendo por justificativa

alguns dos pontos que também tenho e considero essenciais para este atendimento.

E UMA GRANDE QUESTÃO QUE SE COLOCOU.

Vou compartilhar meu percurso com o livro ("narrativa histórica"), mas não vou tratar aqui da QUARTA PARTE – tratamento do indivíduo.

ÍNDICE

Prefácio 15

Primeira Parte

MÓDOS DE COMPREENDER A CRIANÇA

Capítulo 1 — Um ponto de vista 19
 — Os fatores que influenciam o comportamento 20
 — O que significa "tratamento" 27

Capítulo 2 — Métodos de diagnóstico 29
 — Níveis de diagnóstico 29
 — Testes de personalidade como um meio de diagnóstico 30
 — Diagnóstico pelo método ego-líbio 38
 — Avaliação de estudos de caso como diagnóstico 42

Capítulo 3 — O método fator-componente de diagnóstico 49
 — Base do método fator-componente 49
 — Planejamento do tratamento 58
 — Um exemplo do método 59
 — Comentários sobre o método fator-componente 62

Segunda Parte

MUDANÇA DE AMBIENTE COMO TRATAMENTO

Capítulo 4 — O lar adotivo como meio de tratamento 69
 — As potencialidades da mudança de ambiente 69
 — As características do lar adotivo 71
 — Quais são os resultados da colocação no lar adotivo? 80

Capítulo 5 — Quando usaremos lares adotivos como tratamento? 93
 — Tratamento individualizado por meio do cuidado em lar adotivo 93
 — Planejamento do término da colocação 101
 — A informação como tratamento de problemas de comportamento 105
 — Tipos de tratamentos institucionais 107
 — Um programa institucional de tratamento individualizado 109
 — "Mas" — As desvantagens da institucionalização 115
 — Resultados do tratamento individualizado 125
 — Características da criança institucionalizada 128
 — Quando deve ser usado o tratamento institucional? 127
 — Conclusão 129

Capítulo 6 — A conveniência de se retirar uma criança do lar 135
 — Grau em que a mudança de ambiente é usada como tratamento 137
 — Falta de critérios satisfatórios 137
 — Elementos que exigem consideração 140
 — Resumo dos critérios para remoção do lar 142
 — Outras justificativas para a remoção do lar 152
 — A remoção de uma criança do lar adotivo 156
 — A posição do tratamento ambiental 159

Terceira Parte

TRATAMENTO PELO MODIFICAÇÃO DO AMBIENTE

Capítulo 7 — Atitudes familiares como foco de tratamento 165
 — A importância das atitudes dos pais 165
 — Os meios de mudar as atitudes dos pais 169
 — A "tratabilidade" das atitudes dos pais 190
 — Outros aspectos de tratamento dentro da família 196

Capítulo 8 — O papel da escola na mudança do comportamento 199
 — Tratamento individual como ocorre na escola 200
 — A eficácia da escola no tratamento 203
 — Os recursos da escola para ajuda 205
 — O emprego de recursos especiais 218
 — Objeções do professor ao tratamento individual 218
 — O uso inteligente de agremiações, grupos e acampamentos 221
 — A participação num grupo como tratamento 222
 — Resultados da experiência de grupo para crianças-problema 223
 — A escolha do grupo 224

— O uso experimental do acampamento de verão como tratamento 229
 — A redistribuição das amizades 240
 — Tratamento indireto versus direto 241

Quarta Parte

TRATAMENTO DO INDIVÍDUO

Capítulo 10 — Técnicas de entrevista de tratamento: educação, persuasão, liberação 245
 — As qualificações do terapeuta 246
 — A base dos resultados 249
 — Crianças adequadas à terapia através de entrevistas 249
 — Técnicas educativas 251
 — O emprego da influência pessoal 258
 — Terapias expressivas 262

Capítulo 11 — Entrevistas de tratamento: terapias mais profundas 279
 — O que significa terapia profunda? 279
 — Terapia interpretativa 279
 — Psicanálise de crianças 287
 — Terapia através de um relacionamento controlado 293
 — Outras formas de terapia profunda 300
 — O término de um relacionamento terapêutico 302
 — Os objetivos da terapia 304
 — A eficácia do tratamento 307

Capítulo 12 — Variedade e seleção de medidas de tratamento 307
 — A clínica especializada 309
 — A clínica como centro de cooperação 311
 — O papel de cada grupo profissional 315
 — Os resultados do tratamento planejado 317

Apêndice — Método fator-componente de análise de caso 321
 — Instruções 321
 — Classificação do fator hereditário 322
 — Classificação dos fatores físicos 322
 — Classificação do fator capacidade mental 323
 — Classificação das influências familiares 323
 — Classificação das influências econômicas e culturais 324
 — Classificação do fator social 325
 — Classificação da educação — treinamento — supervisão 325
 — Classificação do auto-insight 326

introdução do editor em que Carmichael refere Rogers como autor de grande experiência no tratamento de problemas de comportamento de crianças. Corajoso por ter enfrentado problemas cotidianos para os quais a psicologia científica ainda não contribuía = mudar o comportamento de crianças que não se adaptam ao mundo em que vivem.

Prefácio = Rogers se apresenta como alguém com mais de uma década de experiência com crianças desadaptadas e se pergunta o que pode ser feito para ajudar essas crianças. Vai discutir as modalidades de tratamento existentes até o momento.



“O que fazemos funciona?”

desejo que o livro estimule pesquisas sobre o assunto.

PRIMEIRA PARTE – MODOS DE COMPREENDER A CRIANÇA

No CAPÍTULO 1 – UM PONTO DE VISTA

Rogers mostra seu lado pragmático, preocupado com o tratamento e não com as causas dos problemas de comportamento da criança.

Refere muitos livros que tratam da origem dos problemas e não do tratamento.

Indica a “necessidade de estudo compreensivo dos métodos terapêuticos”.

Percorre as possibilidades de tratamento e indica áreas de pesquisa.

aborda a criança e não os sintomas: os problemas (roubar, chupar o dedo etc.) não existem. Existem crianças que roubam e chupam o dedo. É com a criança e não com a generalização de seus comportamentos que ele quer trabalhar.

FATORES que influenciam o comportamento:

Não se trata de saber se o que controla/determina o indivíduo é HEREDITÁRIO ou ambiental.

O que é inato não pode ser separado das condições. **Exemplo:** inteligência é dada hereditariamente, mas pode ser estimulada.

FAMÍLIA = é o primeiro fator ambiental. Afetos e relações provocam efeitos nas crianças. **exemplo** de que crianças vivendo só com mães tinham melhor condições do que vivendo com pai e madrasta.

CULTURA E SOCIEDADE = têm influência tão grande que, segundo ele, à época, terapias da vida interior já admitiam esta influência.

Alerta que psicólogos que lidam exclusivamente com o indivíduo tendem a subestimar o poder das forças sociais (p.25)

STATUS SOCIOECONÔMICO = de igual influência.

NECESSIDADES do ORGANISMO (indico o livro do Paulo que aponta que, desde então ele já trabalhava com a ideia de organismo). São de 2 classes:

- 1) Reposta afetiva dos outros (reconhecimento, pais, resposta sexual)
- 2) Obter satisfação pelas realizações e pelo aumento da autoestima.

O individuo deve satisfazer estas duas classes de necessidade.

Os problemas de comportamento não devem ser atribuídos a uma causa ou grupo delas. Ele se recusa a lidar com sintomas e a única razão para olhar para eles é a fim de compreender o comportamento.

Sobre TRATAMENTO, ele refere que há poucas obras e que as existentes estão ligadas às profissões: tratamento feito por assistente social, psicólogos. Outras ligadas a escolas de pensamento.

Acredita haver confusão entre campo e método. Método de tratamento para Rogers deve considerar passos e técnicas.

O tratamento pode se tornar uma ciência. O estudo dos métodos se der luz a princípios gerais, eles serão submetidos a experimentação e validação.

A criança desadaptada de hoje é o delinquente de amanhã. Como desenvolver meios racionais e evitar consequências posteriores?

No CAPÍTULO 2 – MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO

Considera mais importante que conhecer os fatos sobre a criança, conhecer o significado destes.

Diagnóstico como meio de obter o máximo de compreensão sobre fatores causais responsáveis pelos comportamentos desviantes das crianças

MAS o diagnóstico precisa se aproximar do que ele considera importante no problema de comportamento: **Compreensão das relações, dos significados entre sintomas e causas.**



Faz críticas aos testes de personalidade e testes de adaptação – não apontam relação entre os fatos, porém melhor trabalhar com fatores do que com sintomas

No CAPÍTULO 3 – O MÉTODO FATOR-COMPONENTE DE DIAGNÓSTICO

Entende este método como melhor porque faz uma análise do fator e permite planejar o tratamento.

Este método não é um sistema de medidas. A base do método é ampla e reconhece os sintomas como resultantes de forças dentro e fora da criança.

O problema de comportamento = uma criança com certas disposições hereditárias é tratada de certo modo na família e ao mesmo tempo é afetada por influências culturais e sociais mais amplas. Alternando-se qualquer dos elementos, o quadro de comportamento se altera.

O comportamento é resultado do complexo de todos os fatores componentes – 8

1) HEREDITÁRIO = estrutural e como predisposições definidas

2) FISICO = condições orgânicas poderosas (doenças, padrões de desenvolvimento) e condições hereditárias

3) CAPACIDADE MENTAL =

4) AMBIENTE FAMILIAR = clima emocional do lar, padrões de atitudes. (rivalidade entre irmãos, amor dos pais).

A classificação acurada do relacionamento gerador de problemas no interior da



família é tão importante quanto a classificação geral dos 8 fatores.

- 5) FATORES ECONÔMICOS E CULTURAIS = junta os dois porque os 2 se correlacionam na delinquência.
- 6) FATORES SOCIAIS (amigos)
- 7) EDUCAÇÃO= escola, acampamentos, catecismo na igreja
- 8) DISCERNIMENTO DA CRIANÇA QUANTO À SUA PRÓPRIA SITUAÇÃO – auto insight = para crianças pequenas os 7 outros fatores são mais importantes. Para crianças maiores, suas atitudes para consigo são significativas e merecem ser consideradas. Projetos da criança, capacidade de assumir a responsabilidade por si. Considera as defesas, incapacidade de admitir erros, exagerar falhas.

Compreensão intelectual do problema e aceitação emocional da realidade.

Estabilidade de atitudes, capacidade de receber críticas.

Para além da análise destes fatores é necessário um diagnóstico descritivo que trate do Inter jogo entre os fatores.

Ele considera que tal método serve de ajuda ao planeamento do tratamento porque oferece um quadro geral do comportamento da criança e os limites de alteração dos mesmos também ficam claros, bem como as áreas fáceis e efetivas de alteração.

O método se concentra nos fatores causadores e não nos sintomas e portanto, se diferencia dos outros métodos de que ele discorda.

ANÁLISE FATOR-COMPONENTE

DIAGRAMA-RESUMO

Fator	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
Hereditariedade . . .							
Físico							
Capacidade Mental .			+				
Família							
Econ.-cultural							
Social							
Educ.-Treinamento .							
Auto-insight							

x = situação atual; → mostra mudança esperada com o tratamento

FICHA DE REGISTRO

Nome

Nasc Idade série

Problemas de Comportamento

.

.

.

.

.

.

.

.

.

Breve Descrição (dos fatos em que se baseiam as classificações)

Hereditariedade	Econômico e Cultural
Físico	Social
Capacidade Mental	Educação-Treinamento
Família	Auto-insight

Breve diagnóstico descritivo — (ênfatisando inter-relações de fatores, que não aparecem nas classificações)

Plano de Tratamento

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

CLASSIFICAÇÕES ILUSTRATIVAS – FAMÍLIA

- 3 Mãe declaradamente imoral, pai fraco, com pouca influência em casa, exceto quando bêbado, situação em que ocorrem brigas horríveis. Mãe controla os filhos com surras. Estes têm, pelo menos, consciência parcial da imoralidade da mãe.
- 2 Os pais não se dão bem; o lar é totalmente dominado pelo pai, que é rígido, puritano e usa disciplina excessiva. Favorece a filha e rejeita o filho. Atmosfera doméstica muito tensa. Mãe às escondidas toma o partido do filho.
- 1 Pai morreu quando o filho era bebê. Mãe centraliza toda a atenção e afeto no filho único. Mãe extremamente solícita e indulgente, com poucos interesses exteriores.
- 0 O garoto é em parte o favorito do pai e, sendo o mais velho, tende a dominar seus irmãos mais novos. Pais interessados no lar, parecem felizes juntos e têm muita afeição pelos filhos.
- 3 Pais se dão muito bem. Atmosfera doméstica harmoniosa e agradável. Muitos interesses especiais e atividades partilhadas pelos pais. Filhos encorajados a desenvolver independência. A criança se sente muito segura da afeição dos pais.

Rogers pergunta: por que precisamos de um método de diagnóstico? Por que um sistema esquemático?

Por que não pensar inteligentemente sobre a criança para determinar elementos causantes?

A resposta é "não se pode pensar sobre as relações de causa-efeito presentes num problema de comportamento de uma criança sem basear tal reflexão numa estrutura".

Evita o pensamento intuitivo que ele considerava presunçoso.

Diz que é algo novo, são questões sem resposta e, portanto, a necessidade de

objetividade.

Na primeira parte, tratou dos métodos de compreensão da criança

Na **segunda parte** trata da **MUDANÇA DE AMBIENTE COMO TRATAMENTO**

No CAPÍTULO 4 – O LAR ADOTIVO COMO MEIO DE TRATAMENTO

Considera o tratamento ambiental como poderoso porque tira a criança fisicamente do ambiente com tensões emocionais que podem estar na raiz de seu problema de comportamento.

atitudes destrutivas dos pais na primeira infância provocam prejuízo duradouro. Estudos, não conclusivos, afirmam que retirar a criança do lar, melhora o comportamento e o auto insight.

Rogers apresenta estudos, resume critérios para prognóstico do tratamento em lar adotivo, discute as características dos lares em função das dificuldades de cada criança (deveriam se correlacionar).

Refere que o ideal seria a volta para o lar de origem o que nem sempre acontece.

No CAPÍTULO 5 – INTERNAÇÃO COMO TRATAMENTO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Inicia com uma crítica: uma instituição que massifica o trabalho não ocupa lugar algum na área de técnicas de tratamento.

Mas, a instituição que individualiza seu programa e considera a recolocação da criança na comunidade pode ser um meio efetivo de tratamento. Pode ser boa para crianças que não aceitam lar adotivo.

Melhor para meninas do que para meninos

É de valor para crianças, cuja vida, com muitos fatores destrutivos e imutáveis

difícilmente se adaptarão a vida comunitária.

NO CAPÍTULO 6 – A CONVENIÊNCIA DE SE RETIRAR UMA CRIANÇA DO LAR

As agências infantis, as clínicas, os juizados removem a criança do lar porque ou pensam apenas na situação do lar ou apenas no comportamento da criança = simplificação do problema.

Rogers refere que é importante não pensar apenas na situação em que a criança vive, mas nas alternativas.

Não se trata de determinar se o comportamento é ruim, mas determinar quais elementos essenciais da situação total e as possibilidades de melhorá-lo com o tratamento fora do lar.

É um tratamento bastante usado, porém pouco estudado ou sem critérios.

Uma criança pode ficar fora da área de influência familiar, mas e dificuldades físicas e sociais? Não se resolverão tirando a criança do lar, se os problemas das crianças estiverem intimamente relacionados à situação familiar –

“É possível alterar as atitudes dos pais para não provocar distúrbios de comportamento?”

Não é pergunta que não se possa responder!

No CAPÍTULO 7 – ATITUDES FAMILIARES COMO FOCO DE TRATAMENTO

A primeira frase deste capítulo “A importância da família como fator causal das dificuldades de comportamento é equiparável à suas potencialidades no campo de tratamento”.

Estudo do Smith College:

Idade, sexo, posição na família e sintomas não se correlaciona com o sucesso ou fracasso da adaptação da criança.

Inteligência e status socioeconômicos têm alguma correlação.

Porém quando se classificou a adaptação conjugal dos pais, o tom emocional do lar e as atitudes dos pais para com as crianças houve correlação.

Em lares sem tensão a criança superava suas dificuldades na maioria dos casos.

As relações entre pais e filhos são até mais importantes que a harmonia conjugal para determinar o desenvolvimento da personalidade da criança.

Estes resultados indicaram a necessidade de olhar criticamente para o fato de que as clínicas deixavam para os assistentes sociais o cuidado com a família, considerando este secundário

Para Rogers "Se tivéssemos que basear o tratamento da criança problema num único item, o melhor seria desconsiderar por completo a criança e simplesmente se investigar o modo como os pais se comportam em relação aos filhos e suas atitudes face a eles".

Entretanto, os pais eram teimosos e resistentes à mudança. Ele então aponta que se houver a definição mais clara de que situações parentais é mais provável o êxito do tratamento erros na terapia serão evitados.

Porém, há mais estudos sobre as atitudes dos pais do que sobre a mudança destas atitudes.

As formas de abordagem aos pais têm se dado em 3 formatos:

1. Orientações diretivas aos pais

Considerado limitado porque o enfoque educativo não provoca mudanças.

Não significa que os pais não podem aprender dados fatuais, mas se estes forem contra suas necessidades emocionais, não há como. Ex. curso de economia doméstica para a esposa pode reduzir conflitos no lar. Porém as orientações só se efetivam se eles estiverem motivados, se forem algo que necessitem.

2. Interpretação do indivíduo

Baseado na ideia de que se a pessoa descobre por que ela se comporta de tal forma, será mais fácil controlar o comportamento. (quanto mais insight sobre si, mais compreensão).

A pessoa concordar com a interpretação sobre seu comportamento não significa que ela o mudará. "A interpretação deveria se basear em fatos e afirmações feitos pelos pais em termos de suas experiências".

O terapeuta não deve ir além da capacidade de aceitação dos pais. É preciso ter em mente que o objetivo é que os pais se vejam sob outra luz. "o novo ponto de vista precisa ser sentido" (p.178).

O terapeuta não deve ser coercitivo. Se ele cria uma situação de compreensão e não crítica então o relacionamento será de confiança e maior será a propensão a absorver a interpretação. São os pais que devem descobrir a interpretação por si mesmo.

3. Terapia do relacionamento – relacionamento íntimo entre pais e psicoterapeuta

Otto Rank. (+ Frederick Allen) Essa terapia não é intelectual, não pode ser aprendida, mas precisa ser experienciada, é basicamente emocional.

a) Só se aplica a pais que queiram ser ajudados (aponta que pais não disponíveis podem estar se sentindo culpados)

b) O relacionamento entre pais e profissional é essencial para terem liberdade de expressar sentimentos e ideias inibidos.

O profissional cria um ambiente de aceitação, ausente de críticas e que se recusa a impor programas ou recomendações a eles; exceto se pedirem.

c) O efeito deste relacionamento só pode ser caracterizado como clarificação de sentimentos e aceitação de si. "deste modo, nesta atmosfera livre e não crítica, os pais expressando seus sentimentos sem defesas ou racionalizações chegam a esclarecer sentimentos e pensamentos e a se compreender mais claramente. Este tipo de insight difere do método interpretativo".

O método enfatiza a plena realização do indivíduo e aceitação do mesmo. As mudanças serão decorrentes desta aceitação.

d) Confiança nos pais para determinarem o modo de lidar com a criança. "não há tentativa de estabelecer um curso de ação para eles"

É difícil demarcar a efetividade deste método. As vantagens são reais, porém lentas. É uma terapia que repousa mais nas atitudes e sentimentos do terapeuta do que em técnicas.

O terapeuta precisa saber que não usará artifícios mecânicos e sim artístico e sua maturidade pessoal é o que contará para atender pais. Precisa de respeito pela integridade do indivíduo.

Rogers adiciona a esta proposta a importância de encontrar formas de determinar que tipos de atitudes dos pais são passíveis de mudança.

- motivação para mudança
- grau de necessidade pessoal de mudança
- capacidade de aprendizagem

Exemplos:

Pais satisfeitos com seu modo de ação não vão querer ajuda.

O pai ajustado ao trabalho, lazer e nos relacionamentos não vai querer ajuda

A inteligência talvez seja um fator de menor importância.

No CAPÍTULO 8 – O PAPEL DA ESCOLA NA MUDANÇA DO COMPORTAMENTO
Especifica a importância de a escola propiciar satisfação à criança, o fato da criança estar em grupos adequados, utilizar as habilidades especiais de cada criança, técnicas para melhor desempenho e atitudes terapêuticas por parte do professor: reconhecer a criança, comparação da criança apenas com ela mesma, promover segurança afetiva.

No CAPÍTULO 9 – O USO INTELIGENTE DE AGREMIÇÕES, GRUPOS E ACAMPAMENTOS

Não vou entrar nos detalhes do capítulo, mas ressaltar o final:

Ele chama de tratamento indireto a mudança nos pais, escola, ambiente social. Diz que são alternativas para tratar as causas dos problemas de comportamento.

Alguns acham este tratamento inferior ao tratamento direto, mas ele acha isto “infeliz e irrealista”. Porque a maioria das crianças com um ambiente razoavelmente normal que satisfaça suas necessidades emocionais, intelectuais e sociais encontra em si mesma impulso suficiente para reagir saudavelmente e se adaptar satisfatoriamente



“A terapia ambiental implica tanta habilidade e discernimento quanto a psicoterapia”.

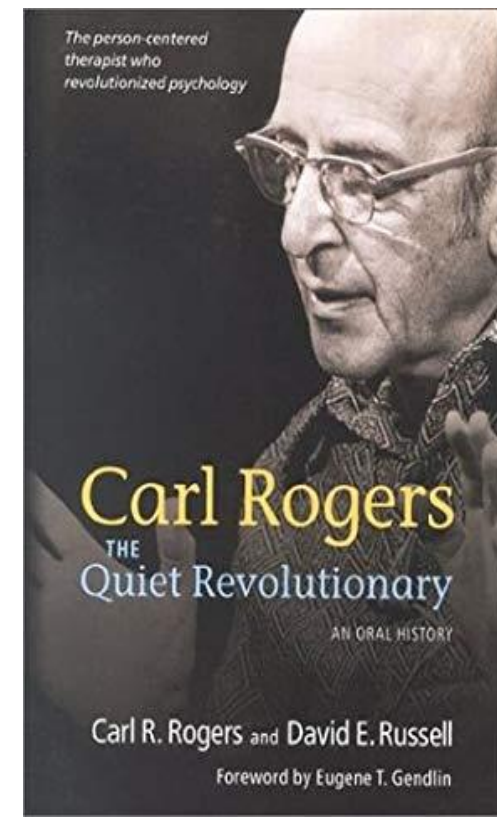
Minha questão:

O que houve com esta atenção ao ambiente da criança, a seu contexto social e, principalmente a atenção aos pais aqui preconizada, quando anos depois Rogers orienta Virginia Axline. Referenda que ela diga para desconsiderar os pais. E ele havia indicado o oposto: desconsiderar a criança se não pudesse ter a própria e aos pais em atendimento?

A reposta explicitada por Rogers na entrevista dada a David Russell para o livro *The quiet revolutionary* (Rogers & Russell, 2003).

Está na valorização dos resultados do projeto de pesquisa O método de fator componente.

Rogers aponta que os resultados deste projeto viriam a se tornar o divisor de águas tanto para sua carreira como para a Psicologia Humanista.



Por que?

(Voltar nos slides 14 e 15)

O fator 8 – auto insight – este aspecto se mostrou como o fator mais determinante na predição do comportamento futuro da criança.

Mais do que a influência social e familiar como ele acreditava até então.

Ele disse ter se surpreendido muito e somente após os resultados do trabalho de Axline é que se disse preparado para aceitar os resultados de seu estudo (Rogers & Russell, 2003).

A partir de então passou a focar todo seu trabalho naquilo que considerou marcar igualmente a Psicologia Humanista: o modo como uma pessoa se vê. Segundo ele, este seria o fator mais importante em predizer o comportamento futuro, porque ao lado de um autoconceito realista caminha uma realística percepção de realidade externa e da situação em que se encontra o indivíduo (Rogers & Russell, 2003, p. 267).

Rogers, parece ter tomado os resultados desta pesquisa como seu norteador, de uma forma congruente a sua sempre presente preocupação: "o que estou fazendo, funciona?"

Decidiu então apostar naquilo que considerou ter descoberto: funcionaria fortalecer a criança (pessoa), independente do ambiente em que ela vivia; centrar-se no cliente!

sim
Espaço John Wood
ESTUDOS E PESQUISAS NA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA